

## Famílias sintomáticas<sup>1</sup>

*Fabian Fajnwaks*

O desejo de "formar família" encontrou uma espécie de interpretação na resposta recente de nossos governantes: "família para todos". A que real essa interpretação responde?

O debate atual colocou em evidência os preconceitos dos psicanalistas. Escuta-se, principalmente, uma ideologia edipiana. Lembremos o que Jacques-Alain Miller dizia, num colóquio em Nice, em 2003, sobre os gays em análise<sup>2</sup>: a prática com os sujeitos homossexuais nos obriga a suspender todo preconceito. Seria possível dizer exatamente a mesma coisa da ideia que cada uma das orientações analíticas faz da família.

Portanto, as novas reivindicações nos convidam não apenas a revisar nossos preconceitos, como também a repensar alguns dos fundamentos da teoria psicanalítica: a relação do drama edipiano com as funções do "Nome-do-Pai" e do "Desejo da Mãe", a relação do desejo com a Lei, o próprio estatuto da Lei: ela está do lado do Nome-do-Pai ou no seu para-além, quer dizer, na relação do sujeito com o gozo? E finalmente, é a direção do tratamento que está em questão: deve ser pensada nos termos do complexo de Édipo ou na perspectiva do *sinthoma*?

Ser homossexual implicava, outrora, assumir a marginalização que a repressão social impunha a uma prática que era, até recentemente, punida como um delito. É possível então compreender, aceitar e mesmo sustentar a reivindicação dos casais homossexuais que querem ver seu estatuto oficializado pela Lei, na perspectiva de fundar uma família.

Quanto a isso, a psicanálise não tem nada de novo a dizer. Ela mesma está na origem das reivindicações que almejam ver os estilos de vida existentes reconhecidos pela legislação. O que caberia interrogar é o desejo de institucionalizar os modos de vida que, até então, não tinham necessidade de nenhuma legislação para existir. O "Famílias, eu vos odeio", proferido outrora por Gide, foi substituído por um "Famílias, eu vos amo e quero criar uma", que pode apenas interpelar aqueles que acreditavam que a homossexualidade era subversiva por si mesma. Por exemplo, essa era a posição de um Michel Foucault que, no início dos anos 80, esperava que a homossexualidade desse lugar a novas formas de vida e de amizade entre os parceiros.

Quando nos interessamos por esses debates, não podemos deixar de voltar os olhos para a Califórnia dos anos 80. Encontra-se, então, um ar de *déjà-vu*. Realmente, a *Queer Culture* e os *Gender studies* eram o fato de militantes reagirem à vontade dos movimentos *gays* e lésbicos de se institucionalizar, segundo a norma heterossexual.

Lacan se perguntava, no final de suas "Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina"<sup>3</sup>, se seria por causa da "instância social da mulher" que se mantinha o estatuto do casamento no declínio do paternalismo. "Questão irreduzível", acrescentava ele, "em um campo ordenado pelas necessidades". Efetivamente, é a partir de um desejo que, no seu próprio estatuto de desejo ignora completamente o campo ordenado pelas necessidades, que casais excluídos do casamento o demandam hoje, onde mais nenhum Nome-do-Pai resiste. Eles não o demandam em nome da "instância social da mulher", pois essa demanda não se baseia na lógica do "nãotodo", mas principalmente na lógica do todo: pede-se para ser incluído no direito, logo, no grande "Todo".

O movimento *gay* permitiu fazer laço social. O *queer* o criticou: os *gays* aspiravam, segundo eles, reabsorver,

homogeneizar o gozo num universal, na medida em que seu gozo não se submete a uma norma calcada na norma heterossexual. Como explorava J.-A. Miller : "o *queer* ressalta, no fundo, que o gozo é rebelde a toda universalização, à Lei, e ele barra, ao *gay*, a permanência nos limites do significante-mestre massificador, portanto, nos limites do Édipo"<sup>4</sup>.

A formalização mínima que Lacan dá em sua "Nota sobre a criança"<sup>5</sup>, de 1969, responde às inquietações dos analistas nostálgicos do Édipo. Na "constituição subjetiva", Lacan evoca a articulação entre "um desejo que não seja anônimo, o de um interesse particularizado, que o foi pelas próprias faltas da mãe", e um Nome que seja "o vetor de uma encarnação da Lei no desejo". Lacan resume assim o Édipo, e lhe dá sua estrutura, para além de toda referência ao imaginário. A diferença sexual dos pais não é evocada aqui. Se alguns psicanalistas receiam pelo desaparecimento da castração no caso de *same-sex marriage*, é que eles imaginarizam essa função. De fato, é na relação ao Um do gozo e ao seu para além que a castração tomará seu lugar.

A socióloga Michaela Marzano observava, nas colunas do *Libération*, que, mesmo que se case cada vez menos, forma-se essencialmente família, com o projeto de ter filhos. O filho está no centro do que reúne dois parceiros, que se nomeiam pais, independentemente de seu sexo. É o que designa o termo "parentalidade".

Um outro sociólogo, Zygmunt Bauman, no livro *Amor líquido*<sup>6</sup>, descreve o lugar do filho hoje, como aquele de um "objeto de consumo emocional", termo que se refere ao caráter fetiche que a criança pode ter nas sociedades de mercado. Mas isso é deixar de lado o valor de *sinthoma* que o filho pode ter para certos casais.

Seria até mesmo possível se divertir em dizer, como mostra M. Godelier, que no projeto de filhos que um casal

homoparental constrói, é preciso pelo menos três elementos, quando não três genitores: os dois parceiros e um terceiro, doador de esperma ou de óvulos. A criança se apresenta, então, como o quarto termo que reúne esses sujeitos.

Lacan isola em sua "Nota sobre a criança"<sup>7</sup> as funções da criança: "sintoma do casal familiar" e "fetiche" do gozo materno. É preciso agora incluir a função inédita da *criança sinthoma*, como atualmente permitem a ciência e o direito. Não que essa função não tenha existido no passado, mas hoje ela é proposta no mercado do desejo. Será preciso examinar que retorno terá essa abordagem direta do desejo materno, por exemplo, sobre os sintomas da criança.

"Não estamos entre os que se afligem com um pretense afrouxamento do laço de família", enunciava Lacan muito cedo, desde 1938, em "Os complexos familiares"<sup>8</sup>. Talvez ele não soubesse ainda o que viria como afrouxamento. Ou então, se esta afirmação tem justamente um caráter estrutural: ela é completamente válida, atemporal.

Portanto, a questão hoje não é somente saber como o analista poderá operar com os sintomas produzidos por essas mutações familiares, mas também que efeitos de retorno acontecerão sobre a própria psicanálise, com essas mutações nas famílias: as famílias pós-edipianas, *sinthomáticas*.

---

<sup>1</sup> Extraído de uma conferência feita a convite da Seção clínica de Estrasburgo, em 12 de janeiro de 2013 e publicado em *Lacan Quotidien* n. 270. Tradução: Ana Paula Sartori Lorenzi.

<sup>2</sup> MILLER, J.-A. (2006[2003]). "Gays em análise?". In: *Opção Lacaniana - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise* (47). São Paulo: Edições Eolia, p. 18.

<sup>3</sup> LACAN, J. (1998[1960]). "Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina". In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 745.

<sup>4</sup> MILLER, J.-A. (2006[2003]). Op. cit., p. 21.

<sup>5</sup> LACAN, J. (2003[1969]). "Nota sobre a criança". In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 369.

<sup>6</sup> BAUMAN, Z. (2004[2003]). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

<sup>7</sup> LACAN, J. (2003[1969]). Op. cit., p. 369.

---

<sup>8</sup> Idem. (2003[1938]). "Os complexos familiares na formação do indivíduo". In: *Outros escritos*. Op. cit., p. 66.